



Arte e Educação Ambiental Quadridimensional: o sentir como dimensão do aprender¹

Alisson José Oliveira Duarte²

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-1390-4979>

Flaviane dos Santos Malaquias³

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-9424-7252>

Thiago Henrique Barnabé Corrêa⁴

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-7123-1074>

Resumo: Este estudo propõe integrar a arte como ferramenta pedagógica na formação de uma consciência ecológica sensível e crítica. Os autores defendem que a arte, ao estimular a imaginação e o sentir, favorece uma educação ambiental mais humanizada, superando visões fragmentadas e reducionistas. Para tanto, este artigo tem por objetivo relatar uma proposta didática de arte-educação-ambiental desenvolvida em uma escola do município de Uberlândia-MG. A metodologia adotada, baseia-se na proposta triangular - contextualização, leitura de imagem e fazer artístico (Barbosa, 2002b) -, juntamente com a proposta de Educação Ambiental Quadridimensional e suas dimensões Corporal/Pessoal, Social, Socioambiental e Ecoespiritual (Duarte, 2024) como orientação epistemológica. Os resultados sugerem que a arte pode despertar vínculos afetivos com a natureza, ampliando a atuação da educação ambiental para além da conscientização racional, isto é, como instrumento de sensibilização ecológica.

Palavras-Chave: Arte-Educação. Educação Ambiental Quadridimensional. Experiência Estética. Sensibilização Ecológica. Dimensão Sensível.

¹ Recebido em 19/06/2025. Aprovado em: 20/11/2025.

² Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), especialista em Psicanálise Clínica pela Universidade de Araraquara e graduado em Psicologia pela Universidade de Uberaba. Atualmente realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM. Pesquisador do Grupo de Pesquisa 'Perspectiva Ecologista de Educação' (CNPq/UFTM). E-mail: alissonduarte.sms@gmail.com

³ Doutoranda em Educação junto à Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Mestra em Artes e graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa 'Perspectiva Ecologista de Educação' (CNPq/UFTM). E-mail: flaviane.malaquias@gmail.com

⁴ Doutor em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio pós-doutoral em Educação junto à Universidade de Sorocaba. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE/UFTM) e professor convidado do Doctorado en Ciencias de la Educación e del Doctorado en Pedagogía y Didáctica, da Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia (UPTC, Tunja). Líder do Grupo de Pesquisa 'Perspectiva Ecologista de Educação' (CNPq/UFTM). E-mail: correa.uftm@gmail.com

Arte y Educación Ambiental Cuatridimensional: el sentir como dimensión del aprender

Resumen: Este estudio propone integrar el arte como herramienta pedagógica en la formación de una conciencia ecológica sensible y crítica. Los autores sostienen que, al estimular la imaginación y el sentir, el arte favorece una educación ambiental más humanizada, superando visiones fragmentadas y reduccionistas. Con este propósito, el artículo tiene como objetivo relatar una propuesta didáctica de arte-educación-ambiental desarrollada en una escuela del municipio de Uberlândia-MG, Brasil. La metodología adoptada se basa en la propuesta triangular - contextualización, lectura de imagen y creación artística (Barbosa, 2002b) -, junto con la propuesta de Educación Ambiental Cuatridimensional y sus dimensiones Corporal/Personal, Social, Socioambiental y Ecoespiritual (Duarte, 2024) como orientación epistemológica. Los resultados sugieren que el arte puede despertar vínculos afectivos con la naturaleza, ampliando la actuación de la educación ambiental más allá de la concienciación racional, es decir, como un instrumento de sensibilización ecológica.

Palabras clave: Arte-Educación. Educación Ambiental Cuatridimensional. Experiencia Estética. Sensibilización Ecológica. Dimensión Sensible.

Art and Four-Dimensional Environmental Education: feeling as a dimension of learning

Abstract: This study proposes the integration of art as a pedagogical tool in fostering a sensitive and critical ecological awareness. The authors argue that by stimulating imagination and emotion, art contributes to a more humanized environmental education, overcoming fragmented and reductionist perspectives. This article aims to report a didactic proposal of art-environmental education developed in a public school of the city of Uberlândia-MG, Brazil at the visual art class. The adopted methodology is based on the triangular approach for teaching arts, based on contextualization, image reading, and artistic creation (Barbosa, 2002b) -, combined with the proposal of Four-Dimensional Environmental Education and its dimensions: Bodily/Personal, Social, Socio-environmental, and Eco-spiritual (Duarte, 2024), as its epistemological orientation. The results suggest that art can awaken emotional bonds with nature, expanding the scope of environmental education beyond rational awareness. In this sense, art is a tool for ecological sensitization.

Keywords: Art Education. Four-Dimensional Environmental Education. Aesthetic Experience. Ecological Awareness. Sensitive Dimension.

Introdução: nuances sensitivas das conexões entre arte e meio ambiente na educação

A arte, enquanto campo de conhecimento sensível e estético, configura-se como um importante componente curricular formativo na construção integral dos estudantes. Embora seja reconhecida e explorada em contextos educacionais, raramente recebe o valor epistemológico e pedagógico que merece nos currículos escolares. Seu caráter interdisciplinar permite diálogos com distintas áreas do conhecimento, assim como opera como catalisadora de processos transdisciplinares - potencial que depende fundamentalmente da mediação didática realizada pelo docente.

Nesse sentido, Barbosa (2002a) destaca que o professor com uma postura interdisciplinar é aquele capaz de construir conexões entre diferentes áreas do saber, estabelecendo uma linguagem comum entre as disciplinas e adotando uma atitude ativa

diante do conhecimento. Para a autora, essa postura envolve não apenas abertura ao diálogo e à troca com outros saberes e sujeitos anônimos, mas também humildade diante das próprias limitações, curiosidade diante do novo, e compromisso ético e afetivo com os projetos e as pessoas envolvidas. Trata-se, sobretudo, de uma atitude de envolvimento, de interação e responsabilidade, de alegria, de encontro e de vida.

A aula de arte é um espaço para explorar a criatividade, a sensibilidade, a expressão subjetiva de cada estudante e a manifestação humana em sua dimensão comunicativa. Este espaço é privilegiado para o desenvolvimento de um olhar mais atento e sensível sobre o mundo e suas diversas questões.

Considerando a urgência das problemáticas ambientais, as práticas de ensino em artes visuais são potencializadoras de experiências que vão além do conhecimento racionalista/cartesiano/positivista, despertando sensações, empatia e pertencimento em relação à natureza.

Os fazeres artísticos e suas nuances permitem que os estudantes expressem suas ideias, percepções e reflexões sobre o meio ambiente, ampliando sua compreensão sobre os desafios ecológicos. Aliás, integrar arte e meio ambiente nos cotidianos escolares constitui uma ferramenta educativa capaz de transformar a relação dos estudantes com o mundo ao seu redor e seus personagens, de modo a permitir o processar dos atravessamentos que constituem a vida e as relações estabelecidas nesse ecossistema.

Nessa direção, Franco (2023) aponta a urgência de projetos efetivos que abordem a problemática das questões ambientais alinhadas com a realidade e as necessidades dos estudantes. Seu posicionamento crítico se contrapõe a políticas públicas de educação, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tende a massificar o currículo a partir de competências e habilidades sem considerar adequadamente os contextos socioculturais e territoriais nos quais os indivíduos estão inseridos. Especialmente em áreas como Arte e Educação Ambiental, que exigem sensibilidade ao contexto local, à diversidade cultural e à experiência estética, tal padronização pode ser vista como um processo de homogeneização ou de esvaziamento de propósitos.

Com o objetivo de aproximar Cotidiano, Arte e Educação Ambiental de modo interdisciplinar, esta pesquisa apresenta um recorte de uma proposta didática, ainda em desenvolvimento, com cinco turmas do 9º ano de uma escola municipal da cidade de

Uberlândia-MG. A proposta surge da necessidade de sensibilizar/despertar a conscientização dos estudantes quanto à sua interação com o meio ambiente, a partir da observação e percepção do próprio espaço escolar⁵.

Para a realização desse projeto, têm sido utilizados os princípios metodológicos da proposta triangular de Barbosa (2002b), cujos eixos - contextualização, leitura de imagem e fazer artístico - são tidos como fundamentais no processo de arte-educação. A metodologia propõe o uso de obras artísticas que possam contextualizar uma dada problemática, neste caso, as questões humanas-ambientais como referenciais imagéticos para a leitura e sensibilização dos estudantes, preparando-os para uma etapa de criação artística original e independente.

Além da referida proposta metodológica, esta pesquisa também se norteia pela perspectiva epistemológica de Educação Ambiental Quadridimensional, respectivamente composta pelas dimensões: Corporais/Pessoais, Sociais, Socioambientais e Ecoespirituais, com as quais busca-se ampliar a interpretação dos achados e provocar reflexões profundas para uma educação ambiental humanizada e multidimensional (Duarte, 2024).

As conexões sensíveis entre arte e meio ambiente manifestam-se não pelos resultados finais das imagens produzidas, mas pelos processos criativos envolvidos nesse fazer. Nesse sentido, Duarte (1988) afirma que, nos trabalhos de crianças e adolescentes, o valor estético e a qualidade formal não são o aspecto mais relevante, mas sim o significado das ações empreendidas. Embora a prática artística propicie vivências estéticas, é no processo que o lúdico se revela, permitindo que a atividade artística traduza a organização de suas experiências e amplie seus sentidos.

Humanização da Educação Ambiental: em direção à multidimensionalidade

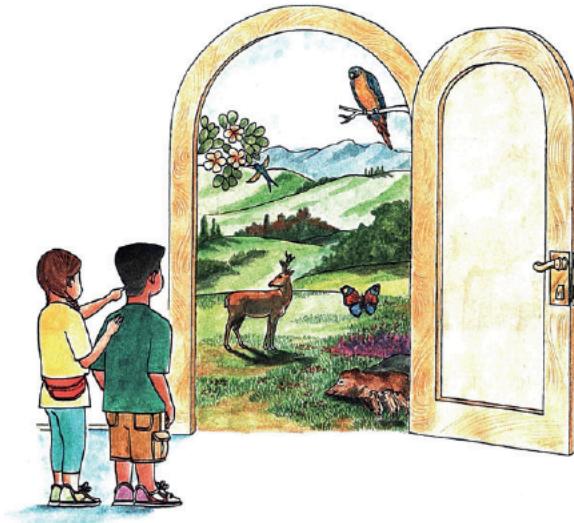
Historicamente, o pensamento biologicista e cartesiano dominante contribuiu para a cisão entre humanidade e natureza, reforçando uma visão mecanicista e fragmentada do mundo. Em âmbito internacional, os debates sobre a implementação da Educação Ambiental ganharam força a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, em 1972, e posteriormente, com a Conferência Intergovernamental de Tbilisi, promovida pela UNESCO em 1977, que

⁵ Projeto idealizado no ano de 2025 pela professora de Artes, Flaviane dos Santos Malaquias.

estabeleceu princípios, objetivos e diretrizes para a Educação Ambiental. No entanto, desde essas primeiras conferências, observa-se a predominância de uma visão unidimensional nos espaços escolares, centrada nos aspectos físicos, químicos e biológicos do meio ambiente, em detrimento de outras dimensões da relação humana com seu entorno.

A maioria das pessoas aprenderam a observar a natureza como um fenômeno externo e inferior sob a visão do antropocentrismo. Um exemplo disso é uma imagem comumente presente em livros didáticos brasileiros (Figura 1), em que crianças observam a natureza como se ela fosse um evento externo à condição humana; algo que se olha passivamente pela janela/porta ou quando se visita uma fazenda.

Figura 1: Crianças observando a natureza pela janela.



Fonte: Machado (2001, p.139).

No entanto, a educação ambiental é mais do que um ponto de vista. Ela é múltipla. Por isso, é preciso adotar uma visão de mundo que integre dimensões (1) corporais/mentais/psicológicas, (2) sociais/políticas/econômicas/culturais, (3) ambientais/naturais, e (4) ecoespirituais/emocionais, para compreender sua complexidade (Duarte, 2024).

Tratar a educação ambiental a partir de múltiplas dimensões é também uma forma de humanizá-la. Isso porque a educação ambiental conservadora busca a conscientização pela razão e pelo medo antropocêntrico do esgotamento das fontes naturais que sustentam a existência humana. Por outro lado, a educação ambiental multidimensional visa a sensibilização, ou seja, a produção de um sentimento de

identificação pessoal e à internalização de uma ética profunda em relação a tudo que nos cerca.

Essa perspectiva de humanização nos conduz a uma nova visão de mundo (Figura 2) em que não somos apenas homens e mulheres defendendo o meio ambiente: somos o meio ambiente se defendendo (Fremeaux; Jordan, 2021).

A arte, com seu potencial integrativo, constitui um instrumento singular de interdisciplinaridade e de recomposição das múltiplas dimensões da educação ambiental, rompendo com a visão fragmentada herdada do paradigma cartesiano/positivista e demais perspectivas hegemônicas que colonizaram o pensamento científico.

Figura 2: Somos a natureza se defendendo.



Fonte: Thiago Mundano (2020)⁶.

Nesse sentido, reconhecemos como urgente a criação de projetos de arte-educação que promovam o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo dos estudantes acerca da relação entre seres humanos e meio ambiente, como alternativa potente para a construção de uma educação mais sensível, integradora e humanizadora.

⁶ Thiago Mundano é artista e ativista socioambiental brasileiro, que se expressa em espaços urbanos por meio do grafite.

Fazeres/sentires na educação básica: arte em diálogo com as questões humanas-ambientais

Em consonância com a metodologia adotada, o projeto em desenvolvimento organiza-se em quatro etapas integrativas, inspiradas na proposta metodológica de Barbosa (2002b) e fundamentadas na perspectiva da Educação Ambiental Quadridimensional de Duarte (2024). Essa estrutura visa romper com práticas educativas fragmentadas e reducionistas, promovendo a articulação entre o ser, o sentir e o fazer humano no contexto escolar.

É a partir desse referencial que apresentamos a descrição dos resultados, apontando como as experiências artístico-pedagógicas propostas têm potencial para inspirar, nos estudantes, reflexões sensíveis e críticas, além de favorecer ressignificações profundas sobre sua relação e pertencimento ao contexto ecológico.

1ª Etapa: Dimensão Corporal/Pessoal: Mosaico de folhas

Na primeira etapa do projeto (já realizada) apresentou-se aos estudantes a obra *Primavera* (Figura 3) do pintor maneirista italiano Giuseppe Archimboldo (1526-1593). A pintura apresenta uma relação forte da natureza com o humano a partir da criação de uma figura feminina representada em flores e folhas de plantas, num momento cujo os interesses se voltavam para a pesquisa da botânica. O quadro em óleo sobre tela, compõe uma série intitulada *As quatro estações*. A representação evoca as cores típicas da primavera com seu simbolismo de renascimento, fertilidade e beleza. De forma explícita e sensível a obra aproxima os ciclos humanos com os ciclos da natureza. Aos dizeres Goethe (2005, p.77), “assim como a natureza se inclina para o outono, também o outono vive dentro de mim e em torno de mim”.

Figura 03: Primavera.



Fonte: Giuseppe Archimboldo (1563).

A contemplação da obra permite que professores e alunos refletem o corpo como dimensão ecológica (intrínseca) indissociável do meio ambiente (extrínseco). Aliás, o corpo envolvido de natureza, permite a sua compreensão como o primeiro meio ambiente ao qual os indivíduos estão inseridos.

A mente envolvida por flores pode sugerir um estado criativo de florescimento mental. Porém, a ausência de florescimento também pode ser interpretada como resultante de atravessamentos sociais, políticos e ideológicos que podem “poluir” ou “degradar” a esfera mental.

Para Marques (2015, p.75), “o que chamamos de ambiente está dentro e fora do nosso corpo, e não somente nesse mundo exterior à corporeidade humana”. Se o corpo é meio ambiente, há também que se falar em autocuidado e autoconhecimento desse espaço íntimo de relações mentais e corporais.

Pensamos que a preservação ambiental não pode ser tratada sem antes (ou concomitantemente) com a reflexão sobre os processos de autopreservação. Afinal, pela perspectiva psicológica das relações intrapessoais, nos relacionamos constantemente com nosso corpo/mente de maneira harmônica ou desarmônica, preservando-o ou degradando-o. Nesse sentido, acreditamos que pensar o corpo como meio ambiente é

um caminho importante para a empatia ecológica. Afinal, quem está apto a preservação do meio ambiente externo sem noções mínimas de autopreservação e autocuidado?

A artista latino-americana Frida Kahlo (1907-1954) é outra importante referência que expressou a dimensão ecológica do corpo em diversas de suas obras, como *Raízes* (1943) (Figura 4) e *O Abraço de Amor do Universo* (1949) (Figura 5). Em ambas as pinturas, Frida retrata seu corpo em profunda conexão e fusão com às estruturas naturais, do universo à terra, da natureza ao próprio corpo.

O corpo/mente, o espaço ecológico mais íntimo da unidade humana, reverbera e sofre reverberações nas relações interpessoais e ambientais, transformando a medida em que é transformado. Com isso, acreditamos que podemos refletir sobre a ecologia ambiental (espaço externo) a partir da ecologia mental (espaço interno) e vice-versa. Bateson (2008, p.9) foi um dos primeiros a postular que “existe uma ecologia das ideias danosas, assim como existe uma ecologia das ervas daninhas”.

Alves, Lima e Conceição (2021) apontam que a partilha do sensível se movimenta pela necessidade das artes que nos trazem possibilidades de relações mais humanas, agudizando nossos sentidos de comunidades.

Figura 4 e 5: Frida Kahlo: Raízes e O abraço de amor do universo.



Fonte: Frida Kahlo (1943 e 1949).

Partindo destas leituras, nesta primeira fase do projeto, foi realizada uma vivência no espaço externo da escola, em que os estudantes observaram e coletaram pelo menos três tipos de folhas de plantas de diferentes colorações e formatos. O

objetivo final da sequência didática era que os estudantes realizassem, retratos humanos a partir de colagem/mosaico de plantas/folhas, inspirando-se no trabalho dos artistas supracitados, com o intuito de despertar neles um sentimento de contato e pertencimento corporal em relação ao meio ambiente.

A proposta buscou aproximar as estruturas do ambiente natural, tanto bióticas quanto abióticas, das dimensões subjetivas e corporais humanas, abrindo a possibilidade de refletir, junto aos estudantes, sobre as relações entre natureza e corpo, corpo e sociedade, corpo que impacta e é impactado pelas interações com o entorno (Figuras 6 e 7):

Figuras 6 e 7: Coleta de folhas diferentes e desenho de observação das folhas e flores.



Fonte: Acervo do Projeto (2025).

Nesta atividade de interação com o meio, foi possível explorar materiais alternativos não convencionais como meio expressivo, ampliando possibilidades criativas que favorecem o desenvolvimento cognitivo e a imaginação a partir do desenho de observação. Alertamos, no entanto, que nessas atividades, é importante que o professor adapte sua linguagem conforme o nível e o repertório de seus alunos, garantindo a compreensão e a participação de todos no processo.

Como resultado foram obtidos alguns retratos (Figura 8 e 9) que ressignificam as figuras numa relação homem/natureza que pode refletir o ciclo e a efemeridade da vida no sentido em que o material orgânico utilizado vai se perdendo ao longo do tempo. Os elementos naturais das representações trazem cores, formas e texturas diferentes, numa relação estética que foge dos padrões de beleza estabelecidos, encontrando novos valores e pertencimento frente à conexão do corpo e natureza, presentificado nas representações construídas pelos estudantes. Esta conexão é possibilitadora de novos

sentidos de forma que possam através de suas criações perceberem e se conscientizarem sobre a relevância do ser natureza e do estar na natureza, além de gerar memória e vínculos afetivos a partir da experiência sensível.

Figuras 8 e 9: Fotos de resultado da criação dos retratos em mosaico de folhas.



Fonte: Acervo do Projeto (2025).

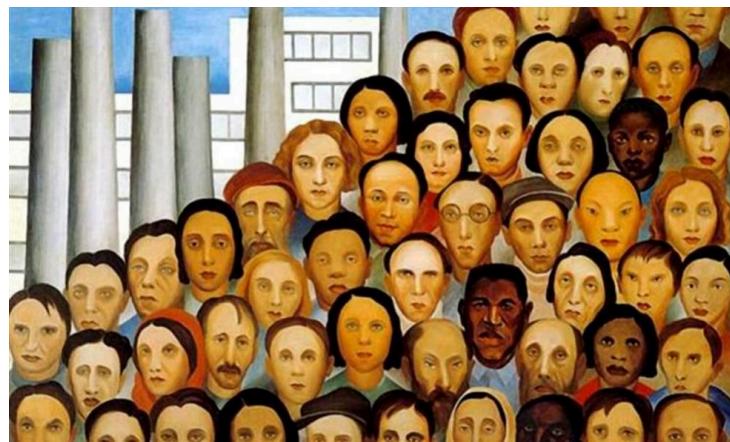
Na dimensão corporal/pessoal, a proposta de deslocar a prática artística do espaço interno da sala de aula para o ambiente externo da escola busca provocar uma experiência estética imaginativa, mediada pela interação sensível com o entorno. Dewey (2010) sustenta que a imaginação se expande e adquire significados a partir da experiência consciente, a qual se constitui justamente pela relação ativa com o meio. Dessa forma, a vivência direta com o espaço exterior não apenas estimula a percepção sensorial, mas também ressignifica o ato criador, integrando-o a um contexto mais amplo de descoberta e interpretação.

2ª Etapa: Dimensão Social: Grafite em papel (desenho a lápis)

A partir da segunda etapa do projeto, exploraremos obras de arte que favoreçam a compreensão da diversidade humana inserida em seus distintos ecossistemas sociais, desde o microcosmo família ao macrocosmo sociedade global. Para tanto, obras de arte como *Os Operários* (1933), de Tarsila do Amaral (1886-1973) (Figura 9), oferecem uma representação visual densa e complexa da diversidade humana inserida em um ecossistema social urbano. A multiplicidade de rostos, tons de pele e expressões

evidencia a heterogeneidade cultural e étnica da população trabalhadora, bem como sugere a coexistência de diferentes individualidades humanas em um ambiente marcado pela desigualdade estrutural.

Figura 9: Os operários



Fonte: Tarsila do Amaral (1933).

Sob uma perspectiva ecológica e sistêmica, a obra revela como os indivíduos, tal como organismos em um ecossistema, precisam se adaptar, competir e colaborar para sobreviver em um meio social que impõe limites, pressões e interdependências. Assim, *Os Operários* pode ser lida como uma metáfora visual de um ecossistema humano, onde relações de poder, exclusão e resistência determinam a forma de conviver em sociedade.

A Dimensão Social na Educação Ambiental demonstra que, como seres indissociáveis do meio ambiente, nossas sociedades podem ser vistas como ecossistemas humanos, onde as relações interpessoais criam dinâmicas de impacto e interdependência semelhantes às que acontecem nos ecossistemas naturais. Por consequente, interpreta-se, que as relações humanas e sociais envolvem uma complexa teia de interações que influenciam a saúde, o equilíbrio e a vitalidade coletiva, reforçando a ideia de que cuidar de si mesmo e das relações interpessoais é, também, cuidar da sociedade e do meio ambiente em sua totalidade (Duarte, 2024).

Além de Tarsila do Amaral, o artista polonês Paweł Kuczynski (1976-Atual) também se destaca por realizar um trabalho profundo de crítica social. Suas ilustrações metafóricas e provocativas expõem os impactos sistêmicos da tecnologia sobre as relações humanas, cada vez mais mediadas pelas redes sociais/virtuais como *Facebook*,

WhatsApp e *Instagram*; alerta sobre os discursos políticos (*Fake News*) e sobre a poluição mental/psicosférica proferida pelos meios de comunicação sobre as massas.

Em uma perspectiva ecológica e sistêmica, suas obras revelam como os indivíduos são constantemente manipulados por estruturas invisíveis que operam sobre o cotidiano, desde o consumo, a moda, as relações amorosas, até a manipulação ideológica. O artista com sutileza, denuncia os mecanismos de alienação, dependência e controle que atravessam as relações humanas, destacando a maneira como os sistemas sociais influenciam subjetividades, comportamentos e formas de ser e coexistir (Figuras 10 e 11):

Figura 10 e 11: Ecologia das relações sociais (redes virtuais) Manipulação política e midiática Pawel Kuczynski, 2008



Fonte: Paweł Kuczynski (2008).

Na atividade proposta para essa etapa de arte-educação, os estudantes são convidados por meio do desenho com grafite e papel (desenho à lápis) a produzir imagens que identificam e denunciam estruturas de manipulação social que condicionam modos de existir e ser nos ecossistemas humanos e como essas relações/mecanismos reverberam sobre a dimensão corporal/subjetiva dos indivíduos, sobre as relações humanas e sobre o meio ambiente.

Na dimensão social, a experiência estética reverbera na produção artística como representação do desconforto e descontentamento diante de realidades que prejudicam o ser/estar no mundo plenamente. Assim, as produções artísticas orbitam em torno do

imaginário da crítica e do não conformismo com as condições impostas por essas realidades. Como afirmou Bourriaud (2009), a prática artística é sempre uma relação com o outro e, ao mesmo tempo, uma relação com o mundo. A atividade proposta é, nesse sentido, um convite a olhar para esses ecossistemas humanos, e as ecologias que nele habitam, de forma a denunciar seus impactos negativos na sociedade.

Trabalhar essa dimensão implica reconhecer que a vida social é complexa, histórica e dinâmica; significa promover uma compreensão crítica e plural das relações sociais, valorizando a diversidade humana: cultural, social, étnica, sexual, de identidade de gênero, religiosa, entre outras; deve romper com as hegemonias do conhecimento científico único, incluindo democraticamente os saberes tradicionais/populares e marginalizados; valorizar a preservação da diversidade humana em oposição a qualquer forma de intolerância, preconceitos, racismo, machismo ou fascismo que visam desintegrar a diversidade humana.

3^a Etapa: Dimensão Ecoespiritual: Pintura sobre tela

Para a terceira etapa deste projeto de arte-educação-ambiental, reservamos obras de arte que tem o potencial de inspirar em seus apreciadores o sentimento de integração entre espiritualidade e natureza.

A dimensão ecoespiritual, pode ser caracterizada pela experiência subjetiva de indivíduos ou grupos, de profunda conexão, crença de parentesco, divinização, espiritualização, comunicação (conversar com plantas, animais, rios e sentir-se inspirado), sentimento de fraternidade e compaixão pela natureza, incluindo com seus elementos, paisagens e diferentes formas de vida. Além do aspecto espiritual, o caráter emocional também é ressaltado, como por exemplo, a relação profundamente afetiva que os seres humanos podem estabelecer com animais e plantas (Duarte, 2024).

Essa dimensão é especialmente relevante, pois representa uma das formas, talvez a mais arcaica e arquetípica, de relação humana com seu entorno, uma vez que, nos primórdios das civilizações, os povos antigos e ancestrais desenvolveram formas de espiritualidade intimamente ligadas aos ciclos da natureza e aos elementos do mundo físico. Nessa perspectiva, montanhas, rios, florestas, animais e astros não eram apenas recursos ou cenários, mas entidades vivas, dotadas de força, espíritos e significados sagrados. A Terra era percebida como mãe, fonte da vida, e os fenômenos naturais como

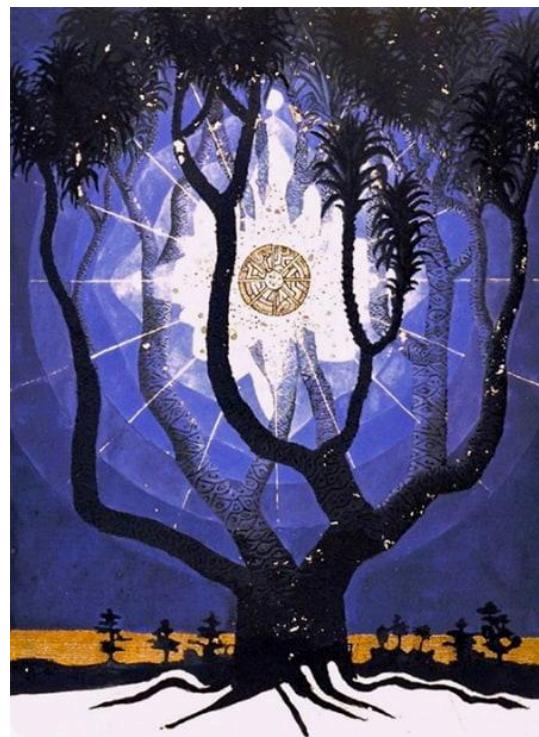
expressões do divino. Assim, muito antes do advento das religiões institucionalizadas ou dos sistemas científicos modernos, a relação espiritual com a natureza foi uma base fundamental de compreensão do mundo (Duarte, 2018; Jung, 2011; Capra, 1982).

No entanto, esse modo de relação com a natureza foi profundamente atravessado pela Revolução Científica, que, nos termos de Weber (2004), provocou um desencantamento do mundo. Embora o pensamento científico tenha proporcionado inúmeros avanços à qualidade de vida humana, ele também instaurou uma forma de relação instrumental, por vezes fria e indiferente, com as estruturas naturais, que antes eram tratadas com reverência e até divinizadas. No mundo ocidental e colonizado, essa relação foi gradativamente substituída pelo desejo incessante de dominá-la.

Ainda assim, é importante destacar que, apesar da hegemonia do racionalismo científico, a experiência espiritual com a natureza - emocional e profunda - persiste. Ela sobrevive tanto em espiritualidades tradicionais quanto entre sujeitos do mundo ocidental. Essa resistência pode ser compreendida pelo fato de que essa relação com o natural é arquetípica, isto é, estruturante da psique humana, conforme observa Jung (2011) em sua perspectiva simbólica do inconsciente.

Na tela exibida na Figura 12, temos a reprodução de uma das obras artísticas de Carl Gustav Jung (2010), intitulada *Árvore da Vida* (1960). A composição apresenta uma grande árvore que ocupa o centro da imagem em primeiro plano, que se destaca em um fundo azul-luminoso, acrescidos de uma figura simbólica circular centralizada. As raízes se espalham pela terra, enquanto a copa parece tocar o céu estrelado, irradiando luz, o que a diferencia das outras árvores em tamanho e em contraste de cores. A cena transmite uma atmosfera silenciosa, quase mística, em que natureza e cosmos se fundem em harmonia. A imagem expressa de forma sensível e potente uma espiritualidade que emana da própria natureza.

Figura 12: Árvore da Vida.



Fonte: Carl Gustav Jung, 1960

Acreditamos que essa obra pode ser trabalhada em projetos de arte-educação-ambiental como uma porta de entrada para refletir sobre o sagrado na natureza, sobre a simbologia das árvores nas culturas, e sobre a necessidade contemporânea de reencantar o mundo; isto é, de recuperar modos sensíveis, simbólicos e respeitosos de nos relacionarmos com o ambiente que nos sustenta e constitui.

Na contemporaneidade, outro artista que se destaca por incorporar a dimensão ecoespiritual em sua produção é o artista visual brasileiro, Jean Louiss, cujas obras evocam a conexão entre espiritualidade e natureza presente especialmente nas tradições afrobrasileiras (Figura 13) e indígenas (Figura 14).

Sobre as imagens supra-reproduzidas, sabe-se que nas religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, os elementos da natureza são vivenciados como expressões espirituais: as águas dos rios estão associadas à Oxum, a dos oceanos Yemanjá, os ventos à Yansã, a terra a Omolu, as pedreiras a Xangô, os minérios a Ogum, enquanto as matas e florestas se vinculam a Osain e Oxóssi, e assim por diante para os demais Orixás (divindades). Da mesma forma, para muitos povos indígenas das

Américas, especialmente na Amazônia, Andes, Cerrado, Chaco e outras regiões, a natureza é anímica, consciente, encantada, dotada de espíritos e deuses.

Figura 13 e 14: Mãe das águas ferteis (Oxum) e Cura para o mundo.



Fonte: Pintura de Jean Louiss (2014).

No entanto, esclarecemos que o estudo dessa dimensão não tem como objetivo promover religiões ou espiritualidades específicas entre os estudantes, mas sim estimulá-los a desenvolver uma percepção sensível e uma identificação ética e afetiva com o meio ambiente - nas relações que estabelecem com as paisagens em seus modos de vida, com os animais domésticos e, eventualmente, com a natureza tal como é compreendida em suas crenças religiosas, caso as tenham.

Reconhecemos que tradições cristãs também manifestam, a seu modo, formas de ecoespiritualidade, ao exemplo de Francisco de Assis. No entanto, por uma escolha política, nesse estudo optamos por dar ênfase às expressões religiosas não hegemônicas e historicamente marginalizadas.

Na atividade de arte-educação dessa etapa, espera-se que os alunos expressem, por meio da pintura em tela, vivências emocionais e/ou espirituais da relação humana com a natureza. A produção artística deve refletir, de forma livre e criativa, experiências subjetivas (ou culturais) de conexão com o meio natural. Esse tipo de atividade revela seu maior potencial quando realizada em espaços que estimulem e acolham a expressão espontânea dos alunos.

Durante o processo criativo, é importante que seja incentivada a reflexão sobre como diferentes culturas compreendem a natureza não apenas como cenário ou recurso, mas como entidade viva, sagrada e relacional. A atividade pode ser precedida de uma breve conversa em roda, em que os alunos compartilhem experiências sensíveis que tiveram junto à natureza, por exemplo, um momento de paz junto ao rio/mar/fazenda, um vínculo com uma árvore, ou a perda de um animal de estimação. Essas narrativas permitem emergir referências simbólicas únicas, reveladoras dos universos particulares de cada estudante.

A experiência sensível e a vivência emocional na dimensão da ecoespiritualidade convertem-se em linguagem e, materializadas em pinturas, assumem formas que expressam significados subjetivos. Essas imagens resultam do que Duarte (1988) denomina 'simbolização de sentimentos' - processos nos quais a linguagem verbal se mostra insuficiente para descrever a complexidade do sentir humano, mas que encontram na representação simbólica uma via de compreensão.

4ª Etapa: Dimensão Socioambiental: Grafite Urbano, Fotografia e Protesto

Por conseguinte, na quarta etapa do projeto de arte-educação, propomos uma imersão sobre a dimensão socioambiental, destacando obras de arte visuais (sobretudo, de grafite e fotografia) que despertam a consciência crítica sobre as relações entre sociedade e meio ambiente.

A Dimensão Socioambiental tem por característica central significativa preocupação com a relação antropocêntrica e instrumental da espécie humana com o meio ambiente; o desenvolvimento sustentável; os impactos socioambientais (poluição do ar, das águas e do solo); a gestão das fontes de energia; o desperdício alimentar; as mudanças climáticas; os conflitos socioambientais por territórios; o meio ambiente e a saúde pública; o desmatamento, as queimadas e outros crimes ambientais (Duarte, 2024).

Na mesma direção, Boff (2009, p.12) salienta que essa “vertente se preocupa com o meio ambiente, para que ele não sofra excessiva desfiguração, visando ao mesmo tempo à qualidade da vida humana, à preservação das diferentes espécies e à permanente renovação do equilíbrio dinâmico da natureza”. Essa dimensão, naturalmente, corresponde ao campo da educação ambiental tradicional, biológica e

conservadora, cuja importância é reconhecida neste estudo. Entretanto, sendo ela uma das múltiplas dimensões da educação ambiental multidimensional, ela é integrada a partir de uma perspectiva política e crítica, ampliando seu alcance e significado.

Com o objetivo de promover a arte popular de anônimos e marginalizados da esfera formal e das políticas públicas de educação ambiental, reproduzimos, na Figura 15, um grafite urbano de Thiago Mundano (1986-Atual) - ativista ecológico e social - que se expressa por meio de imagens autorais e frases de protesto em espaços públicos:

Figura 15: Ativismo Ecológico.



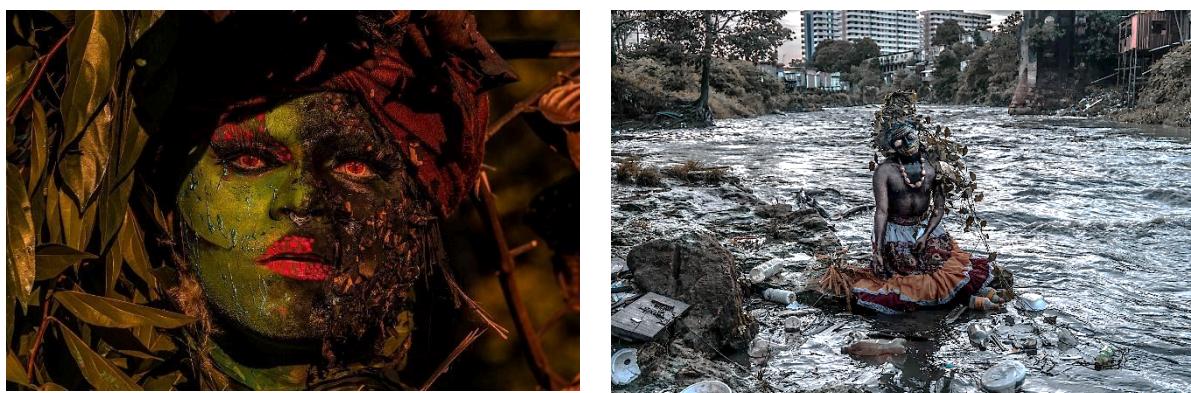
Fonte: Thiago Mundano (2019).

O referido grafite, localizado em uma parede de espaço urbano, retrata manifestantes denunciando o crime ambiental ocorrido em Brumadinho, em 25 de janeiro de 2019, envolvendo a empresa Vale. A imagem evidencia a gravidade do desastre, denuncia o caráter criminoso do ocorrido, questiona os impactos do capitalismo desenfreado e exige justiça. A obra provoca o público a assumir uma postura ativa diante dessa tragédia socioambiental, convocando a sociedade a reagir, resistir e reivindicar justiça. Nesse sentido, a produção transforma o espaço público em um território de crítica, de consciência política e de educação popular.

Outra artista de destaque no cenário da arte de protesto socioambiental é Uýra Sodoma (1991-Atual), mulher trans, indígena brasileira do Amazonas. Nascida em Santarém, em 1991, Uýra é bióloga de formação, mestre em ecologia e arte-educadora.

Sua trajetória se entrelaça com a defesa da Floresta Amazônica e com a luta pelos direitos dos povos indígenas e da população LGBTQIAPN+. Como artista performática, suas obras expressam a resistência dos corpos marginalizados e denunciam as violências socioambientais. Especialmente, em seus ensaios fotográficos a artista personifica a natureza em seus trajes, e realiza sua performance em espaços de degradação ambiental, conforme observamos nas Figuras 16 e 17:

Figuras 16 e 17: Fotoperformance: Uýra Sodoma.



Fonte: Fotos de Katja Hoelldampf (2017) e Matheus Belém (2018).

Em conformidade com Reigota (2010), a Educação Ambiental, em um viés crítico, fundamenta-se na promoção da participação social e política, valorizando os saberes cotidianos, populares e anônimos, frequentemente marginalizados pelas estruturas formais de poder. Ao reconhecer e integrar essas vozes historicamente silenciadas, ela contribui para a construção de uma cidadania ativa, plural e democrática. Para esse autor, aqueles que vêm das margens - com suas existências e processos trans-formativos - trazem contribuições políticas e epistemológicas muitas vezes mais profundas do que aquelas reconhecidas pela academia. Esses sujeitos recriam sentidos para o aprender, o ensinar e o agir político, ampliando a noção de cidadania ao priorizarem o pertencimento e a intervenção cotidiana. Essa perspectiva busca acima de tudo mobilizar e produzir sujeitos engajados na luta por justiça social e ecológica, produzindo conhecimentos descolonizados, capazes de transformar as práticas pedagógicas e as estruturas de poder.

Com base na abordagem da Educação Ambiental Crítica e inspirados nas obras de Thiago Mundano e Uýra Sodoma, propomos nessa etapa do projeto uma atividade de

arte-protesto que convida os estudantes a desenvolverem produções visuais autorais (grafite ou fotografia) que expressem, simultaneamente, denúncia e criatividade.

A atividade tem como objetivo estimular o pensamento crítico e a participação social por meio da criação de fotografias ou intervenções artísticas pelo grafite que dialoguem com questões socioambientais do cotidiano, transformando a arte em instrumento de cidadania e ativismo político. As produções podem ser expostas na escola ou em outros espaços públicos.

Vale pontuar que, na dimensão socioambiental, a experiência estética vai ao encontro da própria relação dos estudantes com a vivência cotidiana, como a coleta seletiva em casa e na escola, pois reagir criticamente a questões socioambientais implica observar e perceber as questões de seu meio para agir com responsabilidade diante do entorno.

Na leitura de obras artísticas contemporâneas, como essas que abarcam denúncias e críticas sociais, a experiência estética pode parecer não tão agradável aos olhos daqueles que buscam um ideal de beleza clássico. Porém, a interpretação da realidade apresentada na obra é provocadora de transformações, estimulando a empatia e a consciência cidadã. Isso ocorre porque, como afirma Read (1978), é por meio da sensibilidade estética que o homem consegue acessar o sentimento comunicado pela obra. Na contemporaneidade, o grafite e a fotografia têm muito a declarar como linguagens potentes para abordar questões socioambientais.

Para Dewey (2010, p.213), “no fim das contas, as obras de arte são os únicos meios de comunicação completa e desobstruída entre os homens, os únicos passíveis de ocorrer em um mundo cheio de abismos e muralhas que restringem a comunhão da experiência”.

No contexto da educação básica, explorar atividades como as aqui propostas em desenho, pintura, fotografia e grafite, requerem procedimentos de criação, visto que a aula de arte se configura em apenas cinquenta minutos semanais para alguns anos. Procedimentos técnicos para um bom uso de materiais, e uma boa gestão de tempo são necessários principalmente se trabalhar com a linguagem da pintura e grafite, quando se almeja um bom resultado.

De acordo com Duarte (1998), para se desenvolver qualquer programa educacional em arte-educação, três fatores estão envolvidos: a organização de suas experiências, a autocompreensão, e o relacionamento com os outros por meio de seu

trabalho. Esse princípio reforça que o valor pedagógico da arte reside menos nos produtos finais e mais nos processos de criação. Aqui, os dizeres de Paulo Freire nos lembram que a educação é, em si, artística; assim como a arte é altamente pedagógica quando mobiliza e desafia a curiosidade estética para desvelar o mundo.

Considerações finais

O modelo de arte-educação-ambiental proposto neste estudo, ancorado na Perspectiva Ecologista de Educação (Corrêa; Bezerra, 2023) e na Educação Ambiental Quadridimensional (Duarte, 2024), transcende a mera transmissão de conteúdos ao integrar dimensões indissociáveis do aprender: corporal/pessoal, social, ambiental e espiritual. Aqui, a vida cotidiana emerge como fonte legítima de saberes, e a escola se reconecta com uma função primordial: aprender a sentir.

Sentir, como discorre Corrêa (2022), vai além da capacidade que temos de perceber, pois engloba a consciência e a sensibilidade (física e moral) ao processo de trans-formação humana. Para o autor, apoiado em Delors (1996), vamos à escola para aprender a ser, o que perpassa o aprender a (con)viver, mas que na maioria das vezes fica restrito ao aprender a conhecer conteúdos disciplinares que, em raras exceções, convergem entre si ou “dialogicizam” com nossas experiências e necessidades de vida. Conteúdos que, conforme afirma Corrêa (2022), pouco nos ajudam a (re)conhecer e acolher a nós mesmos, reforçando a urgência de se produzir um outro sentido axiológico, de valor, para o frequentar a escola: o de *aprender a sentir*.

Assim, contrariando a lógica escolar tradicional, que prioriza a “transmissão” de conceitos, a perspectiva formativa aqui defendida propõe um caminho inverso: primeiro sensibilizar, depois teorizar.

A arte, no contexto deste artigo, é artefato e mentefato que traduz vivências ambientais em narrativas visuais únicas. Através de formas, cores e texturas, materializam emoções e reflexões críticas sobre sua relação com o meio natural. A sala de aula transforma-se, assim, em campo investigativo de sensibilidades, onde cada criação artística revela descobertas pessoais e estilos poéticos próprios, permeados por uma experiência estética imaginativa.

Esta abordagem desafia os limites da educação ambiental tradicional ao articular saberes científicos e não científicos, valorizando conhecimentos populares e tradicionais. A arte surge como ferramenta estética capaz de realizar leitura sensível da

crise ecológica, indo além da conscientização racional para promover uma sensibilização ativa - condição essencial para ações efetivas de preservação. Se a crise ecológica é também crise de percepção (Capra, 1982), então a arte-educação-ambiental aqui defendida oferece um antídoto: reaprender a ver, a sentir e a criar com - e não contra - a natureza.

Os resultados desta intervenção demonstram que, quando os alunos representam criativamente a natureza (seja imitando-a, criticando-a ou ressignificando-a), reforçam o vínculo afetivo com o ambiente, compreendendo-o como extensão de si mesmos.

A educação que propomos neste artigo - quadridimensional e sensível - não se contenta em informar; busca tocar, afetar e transformar. “Educar para transformar, sobretudo, a consciência, permitindo ao ser humano vivenciar, experimentar ou compreender aspectos [...] de seu mundo interior e exterior” (Corrêa; Barbosa, 2018).

Como evidenciado, a integração entre arte e meio ambiente não apenas estimula a criatividade e o pensamento crítico, mas gera resultados simbólicos e subjetivos que criam sentidos para a vida. Em outras palavras, símbolos que atribuem novos sentidos à existência. São essas referências subjetivas, emergidas do sentir profundo - *sentir na pele* -, que podem redesenhar o futuro e inspirar enfrentamentos reais aos desafios ambientais de nosso tempo, criando novas ecologias e mundos outros possíveis de se habitar.

Referências

- ALVES, Nilda Guimarães; LIMA, Júlia da Silva; CONCEIÇÃO, Rafaela Rodrigues; GREGORIO, Talita Malheiros. Só as artes nos salvam!!!! - as tantas crianças que há em nós. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 14, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/66693>
- BARBOSA, Ana Amália. **Interculturalidade**. In: Inquietações e mudanças no ensino de arte. São Paulo: Cortês, 2002a.
- BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino de arte**. São Paulo: Cortês, 2002b.
- BATESON, Gregory. **Vers une écologie de l'esprit**. Paris: Ed. du Seuil, 2008.
- BOFF, Leonardo. **Ética da vida: A nova centralidade**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação:** A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.

CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé; BEZERRA, Leonardo Mendes. **Perspectiva Ecologista de Educação:** o legado reigotiano nos cotidianos aprendentes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé Corrêa. **A escola contemporânea:** narrativas provocadas pela pandemia. Relatório (Pós-Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, 2022.

CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé; BARBOSA, Nestor Adolfo Pachón. Educação ambiental e consciência planetária: uma necessidade formativa. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, 35(2), p. 125-136, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v35i2.7692>.

DEWEY, John. **Arte como experiência.** Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DELORS, Jacques. **Educação:** um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez, 1996.

DUARTE, Alisson José Oliveira Duarte. **Educação Ambiental Quadridimensional:** Por uma Ecologia (mais) Humana. Paulo Afonso, BA: SABEH, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13221186>

DUARTE, Alisson José Oliveira. O homem como natureza e a natureza como divindade arquetípica. **Revista Ecologias Humanas**, Paulo Afonso: BA, v.4, n.4, p.39-49, jul. 2018.

DUARTE Jr. João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação.** 2º ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

FRANCO, Leonardo Zaklikevis (2023) Ecopedagogia: Sua relevância e prática. Revista Brasileira de Educação Ambiental. **Revbea**, São Paulo, V.18, n°06: 302-310, 2023.

FREMEAUX, Isabelle; JORDAN, Jay. **We Are “Nature” Defending Itself:** Entangling Art, Activism and Autonomous Zones. Pluto Press, 2021.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os sofrimentos do jovem Werther.** Martin Claret, São Paulo, 2005.

JUNG, Carl Gustav. **O livro vermelho:** Liber Novus. Petrópolis: Vozes, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** v.9/1. Petrópolis: Vozes, 2011.

MACHADO, Ana. Maria. **Ciências:** 2. Série. São Paulo: Ediouro, 2001.

MARQUES, Juracy. **Ecologia do Corpo**: Ecos da Alma. Petrolina: SABEH, 2015.

READ, Herbert. **O sentido da Arte**. São Paulo: IBRASA, 1978.

REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 1–6, jan./abr. 2010.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.